



AGROECOLOGIA AMBIENTAL, COPAVI – COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA VITÓRIA, EM PARACITY/PR.

Elpidio Serra¹, Thalles Santos Simões², Amália de Castro Teixeira³, Viviane Martins de Souza Teixeira⁴.

RESUMO: Surgindo como uma alternativa para enfrentar os problemas gerados pelo modelo da agricultura convencional industrial, estabelecida com a revolução verde, a agroecologia veio para ficar na Copavi, procurando abordar a prática do sistema de produção agroecológico como opção para o desenvolvimento que contemple as necessidades da biodiversidade do planeta, mas que também represente possibilidade de emancipação financeira de produtores familiares, aqui destacados os assentados do INCRA, independentemente de serem assentamentos coletivos ou individuais, considerando o mercado de produtos orgânicos emergente e de grande afinidade com os movimentos sociais pela terra, por absorverem e valorizarem a mão de obra rural e permitirem a estes trabalhadores a conexão com a cidade através de um produto de cada vez maior procura e aceitação pela sociedade. Foi feito um recorte espacial utilizando-se como exemplo, a Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória Ltda., um assentamento coletivo do MST em Paranacity, no Estado do Paraná, onde a venda de produtos de agricultura agroecológica tem representado o meio para a emancipação econômica do assentamento. Sendo assim foi realizada uma visita pela turma de Colonização e Reforma Agrária, do curso de Mestrado em Geografia da UEM, sob a orientação do Prof. Dr. Elpidio Serra. O local escolhido para a visita foi a COPAVI. A cooperativa é um dos exemplos de assentamentos coletivos do MST, referência em termos de viabilidade econômica e estabilidade de sua organização. O objetivo deste trabalho é o de focar as questões relacionadas à agroecologia enquanto prática econômica e ambiental, apresentando um diferencial do assentamento, já gerando produtos para exportação, que exprimem duas ideologias: a da agricultura agroecológica e a dos produtos de reforma agrária.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia; Assentamento; Copavi.

1 INTRODUÇÃO

A COPAVI foi fundada em 1993, em Paranacity/PR, numa área de 235 ha⁵, que pertencia a Fazenda Santa Maria, desapropriada por exploração⁶ em 1988 e arrendada por uma usina canavieira desde então, até o momento de sua ocupação.

A cooperativa conta com 180 ha agricultáveis, já descontados os percentuais destinados à mata preservada. A Bacia do Paranapanema, onde se encontra a propriedade, faz parte da região noroeste do Paraná, já no Arenito Caiuá. A fertilidade do solo, por natureza bem diferenciada das áreas de latossolo vermelho (“terra roxa”) foi comprometida pelas culturas anteriores, sobretudo a do café e, mais tarde, a da cana-de-açúcar via modelo convencional.

A agroecologia, em substituição ao modelo anterior, tem contribuído com o passar dos anos para a melhoria da qualidade do solo, que requer constante reforço orgânico para manter seus níveis de produtividade. Os produtos cultivados/fabricados na cooperativa são diversificados, como o açúcar mascavo (principal produto), leite, iogurte, cachaça artesanal, panificados e outros.

Enquanto propriedade coletiva, a COPAVI enfrenta o dilema de ser um modelo coletivo de propriedade da terra em meio a uma sociedade moldada por séculos de capitalismo. Prova disto, é que um dos motivos para que famílias deixem a cooperativa é a não adaptação ao sistema de trabalho, convivência e distribuição da renda.

¹ Professor do programa de pós-graduação em Geografia da UEM – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá – PR. serraelpidio@gmail.com

² Acadêmico do programa de pós-graduação em Geografia da UEM – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá – PR. Bolsista Capes UEM. thallestss@hotmail.com

³ Acadêmica do programa de pós-graduação em Geografia da UEM – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá – PR. Bolsista Capes UEM. amalia_teixeira@yahoo.com.br

⁴ Acadêmica do programa de pós-graduação em Geografia da UEM – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá – PR. vivianet.07@gmail.com

⁵ Informações sobre detalhes técnicos da COPAVI foram prestados diretamente a turma pela Eng. Florestal Allan Francisco Ferreira, associado da COPAVI (assentado).

⁶ Latifúndio por exploração é aquele que, não sendo considerado por extensão (excedendo em 600 vezes o módulo médio da propriedade rural ou em 600 vezes a área média dos imóveis rurais em sua zona) e tendo área igual ou superior à dimensão do módulo de propriedade rural, seja mantido inexplorado em relação às possibilidades físicas, econômicas e sociais do meio, com fins especulativos, ou seja, deficiente ou inadequadamente explorado, de modo a vedar-lhe a inclusão no conceito de empresa rural, de acordo com o Estatuto da Terra (Lei nº 4.504/xx, art. 4º, inciso V, alínea “b”).



Aqui, independentemente do trabalho, cada trabalhador tem em geral a mesma renda mensal, calculada em horas trabalhadas.

Sem a pretensão de esgotar o tema, mas abrir espaço para novas discussões, será abordado como a produção agroecológica pode ser um importante fator para a viabilização de assentamentos rurais, tendo em vista a capacidade de recuperação de solos em degradação das técnicas agroecológicas, a importância deste sistema produtivo no intercâmbio técnico entre instituições de ensino e camponeses e o crescente mercado de orgânicos no Brasil e no mundo.

Para fins de delimitação e pesquisa de campo, foi escolhido o assentamento Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória, situado em Paranacity/PR, considerado exemplo de assentamento bem-sucedido no país e também exportador de produtos agroecológicos. Para tanto, serão abordadas as questões sobre a produção agroecológica na COPAVI, como nicho de mercado, conveniência financeira e produtiva e bandeira ideológica.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Neste trabalho, consideraremos os termos como semelhantes enquanto produtores de alimentos sem agrotóxicos, visto que, na prática e nas propriedades visitadas, observou-se como princípio fundamental na produção o não uso de agrotóxicos de quaisquer tipos.

Portanto, enquanto sistema produtivo, a agricultura agroecológica desdobrasse em muitas metodologias e terminologias, como a agricultura biodinâmica (onde a compostagem é o ponto forte), a orgânica (que propõe uso zero de fertilizantes, pesticidas e aditivos diversos), a biológica (manejo, rotação e fertilização natural), a natural (alternância entre gramíneas e leguminosas e princípios das anteriores), etc.

De fato, o que pode “unificar” todas estas metodologias e denominações para a agricultura alternativa ao modelo convencional é a busca pela sustentabilidade do processo produtivo, procurando considerar.

um crescimento econômico que possibilite a manutenção ou aumento, ao longo do tempo, do conjunto de bens econômicos, ecológicos e socioculturais, sem o que o desenvolvimento econômico não é sustentável, ou seja, é necessário aliar de forma interdependente ao crescimento econômico, justiça social e conservação dos recursos naturais. (ASSIS, 2003, p.80)

Neste trabalho, foi realizado a análise de toda a base teórica apresentada, juntamente com uma detalhada descrição da aula de campo realizada pela turma de Colonização e Reforma Agrária, do curso de Mestrado em Geografia da UEM, sob a orientação do Prof. Dr. Elpídio Serra, á COPAVI. Com o intuito de focar as questões relacionadas à agroecologia enquanto prática econômica e ambiental, apresentando um diferencial do assentamento, Sendo assim foi possível através de um:

- Levantamento Teórico;
- Visita a COPAVI - assentamento Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória, situado em Paranacity/PR;
- Discussão de resultados, pelos autores;
- Descrição da visita, Conclusão;

Obter a realização deste trabalho que almeja possibilitar maior conhecimento sobre esse assunto de extrema importância para uma vida mais saudável com a agroecologia, levando em consideração também as ideologias e maneiras adotadas pelo assentamento para uma melhor qualidade de vida.

A prática agroecológica aproxima-se ideologicamente dos discursos dos movimentos sociais pela terra, conforme os projetos divulgados no *website* do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA⁷, que envolvem ensino e pesquisa (inclusive com apoio de governos municipais), festas e feiras de alimentos “sem veneno” e negociações de sementes crioulas⁸. Também é pertinente a citação da legislação nacional, que define, no artigo 1º da Lei nº 10.831/2003 os sistemas agropecuários alternativos ao modelo convencional:

“sistema orgânico de produção agropecuária [é] todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de

⁷ Vide: <http://www.mpabrasil.org.br/producao#regiao-menu-principal>

⁸ Sementes tradicionais, não tratadas com defensivos agrícolas nem manipuladas geneticamente.



produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente”. (BRASIL, 2003)

Ficaremos com a definição de ASSIS (2002, p.72-73) para Agroecologia, como ciência que.

“procura compreender o funcionamento e a natureza dos agroecossistemas⁹, integrando para isso princípios ecológicos, agronômicos e socioeconômicos na compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e da sociedade como um todo”,

Vale salientar que a lei está aqui abrangendo todo sistema alternativo ao convencional, denominando-o “orgânico”. ASSIS (2002) pondera que enquanto a agroecologia importa-se em manter a menor dependência possível dos insumos externos, a agricultura orgânica vai além, proibindo o uso de quaisquer insumos externos ou industrializados no processo produtivo, para assim poder classificar seus alimentos como orgânicos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A AGRICULTURA AGROECOLÓGICA ENQUANTO BANDEIRA IDEOLÓGICA E OPORTUNIDADE DE MERCADO AOS ASSENTAMENTOS

Num contexto de intensos debates sobre as consequências do modo de produção vigente como agente de empobrecimento e desigualdade no mundo, a agricultura é tema recorrente nas discussões sobre seus problemas de luta pela terra, aumento dos latifúndios, perda de solos férteis pelo uso excessivo de agrotóxicos e prática de monoculturas. A Revolução Verde, dos anos 1970, trouxe para o Brasil, já historicamente marcado pela existência de latifúndios e monoculturas, o uso de insumos agrícolas que, com a promessa de aumento de produtividade, barateamento de custos de produção e redução da fome, consolidou as desigualdades no campo, com desemprego (causado pela mecanização) e má qualidade nutricional dos produtos contaminados pelos agrotóxicos. Segundo as palavras de (BONIN et al, 1987, p.72), os resultados da modernização da agricultura no Brasil, e sobretudo no Paraná, podem ser assim resumidos:

“Pode-se dizer que este processo de modernização conduziu a uma profunda alteração na estrutura agrária do país e do Estado do Paraná: uma proletarização intensa da população rural, o avanço das culturas dinâmicas e das pastagens sobre as áreas das culturas alimentares tradicionais e o surgimento de grandes e médias empresas rurais, ao lado da maior parte das áreas que constituíam, antes de 1964, os latifúndios improdutivos que assim permaneceram” (BONIN et al, 1987, p.72)

Assim, tanto a proletarização do trabalhador rural quanto a alteração nas estruturas da produção alimentar foram profundamente alteradas por esta modernização, que em termos de créditos governamentais, muito mais beneficiou os grandes proprietários produtores das monoculturas de soja e milho do que os pequenos produtores da agricultura familiar. (BONIN et al, 1987, p.85), em estudo de caso da desapropriação da Fazenda Imaribo (Mangueirinha, sudoeste do PR, 1985), relatou que diferentemente do divulgado na imprensa, aqueles agricultores do movimento em questão possuíam tradição agrícola, e mais: somente cerca de 15% utilizavam agrotóxicos (idem, p.85).

Assim sendo, é possível traçar uma afinidade dos assentamentos com a proposta da agricultura agroecológica, pois a luta pela terra é também “instrumento para construção da autonomia nacional, para recuperação da cultura, dos valores e da autoestima da nossa população” (MELGAREJO; 2001, p.60) e a prática agroecológica vai de encontro aos interesses das grandes multinacionais alimentícias, cujos países sedes exercem controle sobre os países periféricos através da prática convencional de agricultura, que demanda *seus* insumos, *suas* técnicas, *seu* controle (idem, p. 59), e ainda:

“A agroecologia (...) é o caldeirão onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo” (LEFF, 2002, apud THEORDORO *et al*; 2009, p. 19).

⁹ Agroecossistemas são ecossistemas agrícolas que visam manipular os recursos naturais com otimização do uso de energia solar, respeitando a ciclagem dos elementos na natureza, mas utilizando-se das próprias leis destas para produzir alimentos ou outros produtos interessantes ao homem.



Desse modo, a agricultura agroecológica e a luta pela terra embricam-se no contexto de muitos assentamentos no Brasil, como a COPAVI. Em vídeo produzido por alunos de Jornalismo da UEM, de ampla divulgação pelo site YouTube¹⁰, *Agroecologia: Semente de Liberdade*, a clareza desta afinidade enquanto ideologia e proposta de mercado para a agricultura familiar, fica evidente em muitas falas dos associados, que frisam ser a agroecologia uma afirmação da essência dos movimentos sociais do campo, enquanto busca pela liberdade da terra, do camponês e da soberania alimentar. “Cultivar a terra e cultivar pessoas” é frase presente no documentário, que enfatiza a prática do comércio justo e da não exploração de mão de obra, o que contrasta com a realidade atual vista na visita, pela presença de trabalhadores contratados com vínculo empregatício, para corte da cana.

A prática da agricultura orgânica requer mão de obra e este é um dos grandes desafios da COPAVI, dado o desinteresse dos mais jovens no campo em permanecer nele. Muitos, ao saírem para estudar fora, mesmo recebendo apoio financeiro da cooperativa, preferem viver nas cidades após a formatura, e algumas famílias deixam o assentamento para viverem com os filhos. Mesmo assim, a “A produção agroecológica mostrou-se a mais rentável para a COPAVI” (fala de Allan), cuja produção industrial de derivados de cana ocupa o primeiro lugar em absorção de mão de obra, seguida dos laticínios e das hortaliças. THEODORO *et al* (2009) afirma que, independentemente da prática agroecológica adotada¹¹, é consenso a necessidade de um “novo padrão produtivo, que permita melhorar a qualidade de vida dos produtores, alcançar o crescimento econômico e preservar os recursos naturais” (p. 22).

Ao visitarmos a COPAVI, é enfatizada a mudança no aspecto da propriedade, hoje arborizada e cercada de barreiras verdes que tentam minimizar quaisquer impactos que possam vir das propriedades vizinhas. O fornecimento de alimentos saudáveis para as escolas de Paranacity também está presente na apresentação da cooperativa aos que a visitam.

O trabalho braçal tem um diferencial de cálculo, valorizando-o. Mesmo assim, o INCRA considera a COPAVI como um dos assentamentos mais bem-sucedidos do Brasil, sendo estudado até mesmo por instituições estrangeiras, que o tem como modelo de sucesso da reforma agrária¹².

O modelo de habitação é a agrovila, que consiste de 25 casas de alvenaria (este assentamento comporta no máximo 25 famílias, conforme o INCRA), não separadas por muros e de construção básica. Nota-se a presença de antenas parabólicas, internet e telefone, melhorias em algumas casas, refletindo o tempo de trabalho do morador no assentamento.

O café da manhã e o almoço são coletivos, configurando-se também num espaço de discussão, se necessário, onde se enfocam questões sobre a prática agroecológica na COPAVI, como nicho de mercado, conveniência financeira e bandeira ideológica.



Figuras 1 e 2 – Produtos da COPAVI: na produção e no rótulo, a representação de uma dupla ideologia, a da luta camponesa pela terra e a da agricultura agroecológica enquanto reação a agricultura convencional e mercado em crescimento no mundo.

Fonte: Figura 1, cirandas.net; figura 2, YouTube. Acessos em junho de 2015.

¹⁰ Agroecologia: Semente de Liberdade. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NKlwq1H0gOo>>. Acesso em 27 junho 2015.

¹¹ As metodologias de agricultura agroecológica são variadas, bem como as terminologias para cada uma de suas práticas mais marcantes: agricultura biodinâmica (onde a compostagem é o ponto forte), orgânica (uso zero de fertilizantes, pesticidas e aditivos diversos), biológica (manejo, rotação e fertilização natural), natural (alternância entre gramíneas e leguminosas, princípios das anteriores, etc). Fonte: THEODORO *et al*; 2009.

¹² Revista Piauí. Edição 21, 2008.



3.2 PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS NO CULTIVO DA CANA-DE-AÇÚCAR (*DIATRAEA SACCHARALIS*) NA COPAVI

A cana-de-açúcar é o carro-chefe da cooperativa (80 ha de plantação), que tem o açúcar mascavo, o melado e a cachaça artesanal como suas principais fontes de renda, sendo inclusive exportados para o mercado externo via ONGs que promovem a luta pela terra e o desenvolvimento sustentável do campo.



Figuras 3 e 4 - Tanques de inox para o preparo da cachaça artesanal “Camponeses”. O nome evoca a diferenciação do produto, pela fabricação artesanal, pela cana cultivada e processada pelos princípios agroecológicos e pelo fato de ser produto da reforma. A produção leiteira da cooperativa chega a 800 litros diários, abastecendo o mercado local com o leite de sacolinha e queijos e iogurtes.

Fonte: Elaborada pela autora.

O controle da broca-do-canavial é feito por controle biológico pela *vespinha* (*Cortesia flavipes*), considerada atualmente como o mais eficiente agente de controle biológico¹³; suas larvas alimentam-se da broca, eliminando-a.

A cana, uma vez sujeita a infestação pela broca, perde peso, tem encurtamento de gomo, enraizamento aéreo, morte da gema apical e quebra da cana. Além disso, há escurecimento dos açúcares e infecção das dornas de fermentação, prejudicando a fabricação de açúcar e álcool, cuja produção também está nos planos da COPAVI.

No manejo do solo, as práticas da agricultura natural são utilizadas no canavial. Segundo Allan, associado da COPAVI e Engenheiro Florestal, o solo reflete os maus tratos que se lhe submetem, redundando em perda de fertilidade e estabilidade, lembrando que o solo arenoso, como o de Paracity, é mais susceptível a erosão. Assim, práticas que visam restabelecer o equilíbrio trófico¹⁴ são bem-vindas, como a cobertura do solo por palhas, rotação de culturas, adubação verde, uso de extratos animais e vegetais no sistema e não utilização de poluentes.

A observação em campo nos permitiu ver que a COPAVI, apesar de seus desafios internos, como a dificuldade de mão de obra, tem mostrado bons resultados como empresa de produtos agroecológicos.

¹³ Fonte: <<http://www.biocontrol.com.br/produtos-cotesia.php>>. Acesso em 27 jun 2015.

¹⁴ A forma de manejo do solo, das culturas e dos resíduos animais e vegetais usada hoje na COPAVI é fruto da aplicação da Teoria da Trofobiose (CHABOUSSOU apud EHLERS, 1999), que diz que uma planta desequilibrada nutricionalmente, é mais vulnerável ao ataque de parasitas, defendida por Allan no assentamento. Insetos, ácaros, nematoides, fungos, bactérias e vírus são vistos como consequências do problema, e não causa.



Figuras 5 e 6 - Solos da Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória, localizada a 500 m de Paranacity. O solo arenoso é mais barato, desvalorizado no auge da expansão pela “terra roxa” dos cafezais, mas hoje amplamente utilizado e degradado pelas práticas de pecuária e cana-de-açúcar no modelo convencional. Área industrial de beneficiamento da cana. Os créditos governamentais são utilizados principalmente para a aquisição de máquinas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As medidas cabíveis para obtenção de produtos cada vez mais condizentes com o termo “orgânico” tem sido tomadas, como a evolução da transição para um leite 100% orgânico. A produção de hortaliças já atingiu esse fim, e na horta são vistas berinjelas, cenouras, couve, tempero verde e frutas produzidas sem agrotóxicos.

Em clima de vizinhança harmônica, a fazenda vizinha orienta seus aviões de modo a distanciar-se da barreira verde construída pela COPAVI. Segundo Allan, nosso guia na visita técnica, um pedido informal obteve este favor. O solo arenoso da região tem produzido culturas diversificadas, mas exige cuidado constante. Além dos benefícios alimentares da prática agroecológica, a produção de cana segundo estes princípios também beneficia os trabalhadores, que não respiram as cinzas da queimada, tão utilizada em lavouras de cana tradicionais.

A ponteira da cana é utilizada na alimentação do gado e produtos da moagem dela também, no período de inverno. O uso dos resíduos vegetais e animais na propriedade são fundamentais para a compostagem.

3.3 O MERCADO AGROECOLÓGICO, O COMÉRCIO JUSTO E A AGRICULTURA FAMILIAR: POSSIBILIDADE DE AUMENTO DA RENDA MÉDIA DOS ASSENTAMENTOS PELA OFERTA DE UM PRODUTO DIFERENCIADO E EM VALORIZAÇÃO.

O Brasil, segundo dados do Instituto de Promoção ao Desenvolvimento, já é dos maiores produtores de orgânicos do mundo, com 4,93 milhões de hectares destinados ao cultivo. Em 2008, as vendas globais de orgânicos chegaram a 50,9 bilhões de dólares e, pelo Censo Agropecuário 2006 do IBGE, foram 1,3 bilhão em vendas no Brasil, entre produtos certificados e não certificados.

O Paraná era o sexto vendedor nacional. Com a percepção de serem saudáveis e mais nutritivos, mesmo em alguns casos com preços mais elevados, os consumidores de orgânicos aumentam a cada ano e movimentam cifras, que têm atraído, até mesmo, grandes redes varejistas, como o Grupo Pão de Açúcar aumentou os investimentos nos produtos do setor. Além da busca por uma alimentação mais saudável, muitos consumidores que optam pelos orgânicos também carregam consigo o desejo em colaborar com a sustentabilidade do planeta e com relações de trabalho e comércio mais justas.

O termo “comércio justo” surgiu na Europa com o intuito de trazer um conceito de trocas mais justas e solidárias nos intercâmbios comerciais, como oportunidade de melhores preços, melhor qualidade, melhores condições de trabalho e valorização do pequeno produtor e do meio ambiente¹⁵.

¹⁵ Comércio justo (definição): <http://www.socioeco.org/>. Acesso em 27 junho 2015.



Figuras 7 e 8 - vista externa de galpão. A bandeira do movimento está presente em muitos ambientes, como forma de se manter a identidade daquele que não é mais um “sem-terra”. Abaixo, imagens do refeitório coletivo. Organograma da COPAVI. A assembleia geral é a estrutura de deliberação máxima da cooperativa, que tem funções bem definidas para cada um de seus associados. A organização do assentamento e sua produtividade garantiu estabilização da cooperativa e aceitação pela comunidade urbana, vizinha da COPAVI.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As redes alimentares locais são reações a industrialização global e visam minimizar/eliminar a presença do intermediário entre produtor e consumidor. Nessa linha, a agricultura familiar no Brasil tem experimentado êxito onde o mercado consumidor de produtos sem agrotóxicos e de comércio justo tem sido ampliado por meio de conscientização e divulgação de novas formas de se produzir e consumir.

O discurso ambiental, que cada vez mais aumenta, bem como a Educação Ambiental nas escolas, tem elevado a procura por produtos mais saudáveis. É aí que o produto sem agrotóxicos dos assentamentos tem contribuído para geração de renda dos assentados e pequenos produtores.



Figuras 9 e 10 - Vista da entrada da vila agrícola. A organização social da cooperativa remete ao modelo socialista, com distribuição de renda que busca ser igualitária. A qualidade de vida no assentamento é percebida pela melhoria nas casas, a qualidade da alimentação (só a carne tem distribuição controlada) e uma divisão de trabalho onde cada um tem o seu posto e sua parte no que a cooperativa lucra. Abaixo, casa da agrovila reformada por seu morador. Plantação de cana ao fundo e horta da cooperativa. O cultivo procura seguir os princípios da agroecologia, chegando a totalidade quando tornarem-se autossustentáveis em 16 produção de cana e garantirem a alimentação dos bovinos sem a necessidade de complementação com farelo externo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A COPAVI produz cerca de 30 toneladas de açúcar mascavo por mês, vende a maior proporção para o mercado institucional e, em menor proporção, para lojistas de produtos naturais. Há a pretensão de se explorar a venda de frutas “não comerciáveis” mas locais e pouco conhecidas do público, em forma de geleias e desidratadas.

Para (MELGAREJO; 2001 p.45), “as particularidades da agricultura familiar, bases principais para oferta dos produtos de consumo interno”, possuem grande “diferenciação junto aos mercados consumidores, “produtos sem venenos”, que são por si só uma propaganda muito em voga hoje em dia”.



Assim, a agroecologia mostra-se como aliada nos assentamentos como possibilidade de diversificação de culturas e fonte de renda para as famílias assentadas, aumentando sua qualidade de vida não só pelo plantio e consumo de alimentos mais saudáveis, reduzindo as doenças tão comuns na agricultura convencional pela contaminação dos trabalhadores, como também por trazer aumento na renda das famílias.

4 CONCLUSÃO

Nesta visita técnica, ficou percebido que apesar dos desafios impostos a COPAVI pela prática de um socialismo “híbrido” com a produção capitalista de uma empresa que precisa lucrar para garantir vida digna de seus associados/trabalhadores, como a escassez de mão de obra, o êxodo dos jovens e o pouco interesse dos que permanecem e ainda não são associados¹⁶, a baixa natalidade que “envelhece” a população do assentamento, tendência em todo o Brasil.

A vulnerabilidade do solo e o fomento do governo, ela tem contornado muitos destes problemas com a fidelidade a ideologia do movimento social que lhe originou – o MST, buscando trazer instrução, esclarecimento, apoio aos estudos e aos assentados, inserção no mercado como empresa competitiva e capaz de permanecer entre os produtores agroecológicos do país, encontrando nesse mercado a sua perpetuação enquanto cooperativa agrícola sustentável e rentável. Consolidar a ideia da necessidade da reforma agrária no público externo, mediante um trabalho organizado, rentável e visível também tem sido uma busca na cooperativa, que de uma visão inicial distorcida perante a comunidade local, adquiriu respeito e boas relações comerciais com o município de Paranacity, tornando-se referência de assentamento bem-sucedido no Paraná.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 4 504, de 30 de novembro de 1964.** Dispõe sobre o Estatuto da Terra e dá outras providências. BONIN, Anamaria A.; FERREIRA, Ângela Duarte D.; HELM, Cecília Maria V. et al. **Movimentos Sociais no Campo.** Curitiba: Edições Criar/UFPR, 1987. 146 p.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O modelo Vitória.** In: Revista Piauí. Edição 21. Junho de 2008. p. 28. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-21/questoes-agrarias/o-modelovitoria>>. Acesso em 27 de junho de 2015.

CHABOUSSOU, Francis. **Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos (A Teoria da Trofobiose).** Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

IPD ORGÂNICOS/ Ministério da Ciência e Tecnologia. **Pesquisa – O mercado brasileiro de produtos orgânicos.** Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.ipd.org.br/upload/tiny_mce/Pesquisa_de_Mercado_Interno_de_Produtos_Organicos.pdf>. Acesso em 27 junho 2015.

LARANJEIRA, Raymundo. **Colonização e Reforma Agrária no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 203 p.

MELGAREJO, Leonardo. **O desenvolvimento, a reforma agrária e os assentamentos – espaços para a contribuição de todos.** In: Revista Agroecologia e Desenvolvimento rural sustentável, Porto Alegre, v. 2. n.4. Out/dez 2001. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano2_n4/revista_agroecologia_ano2_num4_parte14_artigo.pdf>. Acesso em 31 maio 2015.

YOUTUBE. **Agroecologia: semente de liberdade.** Vídeo (27 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NKlwq1H0gOo>>. Acesso em 27 junho 2015.

¹⁶ O assentado torna-se associado aos 18 anos, quando passa a ter a obrigação de cumprir com as tarefas e horários da cooperativa. Antes disso, ele participa das atividades por escolha.